**AS VIRTUDES
Casa Santo Atanásio, 07 de agosto de 2022**

**1803.**«*Tudo o que é verdadeiro, nobre e justo, tudo o que é puro, amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor, isto deveis ter no pensamento*» *(Fl*4, 8).

**Etimologia da palavra virtude:**

1. do latim: vir,virtus: que num primeiro momento associa-se ao masculino, como valentia do guerreiro e força. Mais tarde, passa-se da realidade física à qualidade moral, e nesse ponto encontram-se tanto o masculino quanto o feminino.

2. do grego: αρετή (aretê): realização da própria essência (plano objetivo), atingir a felicidade (plano subjetivo), realização de um propósito (Sócrates), força e coragem para enfrentar todo tipo de adversidade (Grécia antiga), sendo da mesma raiz de (aristos: aristocracia: habilidade ou superioridade), era entendida como nobreza, denominando como nobre objeto, cidadão exemplar e o herói. Platão acrescentou os significados de justiça, moderação e autocontrole; Aristóteles deu amplitude ao conceito, concebendo-a como excelência no comportamento, para poder produzir um saber prático que favorece a harmonia, a convivência entre os indivíduos e a felicidade. Importante não cair na armadilha do extremo, pois para ele, para atingir uma excelente conduta moral, a palavra-chave é mesotés (meio termo ou médio prazo) Na paideia grega (paidos: criança: criação de criança, educação, formação, palestras, estudos etc), o termo foi empregado no âmbito da educação integral da pessoa (física e espiritual), para torná-la virtuosa e pronta para qualquer função social. Na mitologia, era uma deusa no mito de Hércules, oferecendo-lhe uma vida de tribulações, mas gloriosa, enquanto que seu oposto, Kakia, oferece-lhe prazer e riqueza. Hércules escolhe então aceitar a oferta de Aretê[[1]](#footnote-2).

A virtude é uma disposição habitual e firme para praticar o bem. Permite à pessoa não somente praticar atos bons, mas dar o melhor de si mesma. A pessoa virtuosa tende para o bem com todas as suas forças sensíveis e espirituais; procura o bem e opta por ele em atos concretos.

«O fim duma vida virtuosa consiste em tornar-se semelhante a Deus» (61).

**Existência e natureza**

“Para que se opere e se desenvolva a vida sobrenatural, inserida em nossa alma pela graça habitual, requer faculdades de ordem sobrenatural, que com liberalidade e generosidade Deus nos outorga com o nome de *virtudes infusas* e *dons do Espírito Santo*. Diz Leão XIII: *‘O homem justo, que vive da vida da graça e opera por meio das virtudes, que nele exercem o papel de faculdades, também precisa dos sete dons do Espírito Santo’*[[2]](#footnote-3). Com efeito, convém que as nossas faculdades naturais, que por si mesmas somente podem produzir atos da mesma ordem, sejam aperfeiçoadas e divinizadas por hábitos infusos que as *elevem e ajudem* a operar sobrenaturalmente. Em razão da sua grande liberalidade, Deus nos concede duas espécies de hábitos: as virtudes que, governadas pela prudência, permitem-nos operar sobrenaturalmente com a ajuda da graça atual; e os dons que, por uma espécie de instinto divino, tornam-nos tão dóceis à ação do Espírito Santo que nos movem, por assim dizer, a ser governados por esse mesmo Espírito. Porém, é necessário alertar que esses dons, que nos são dados juntamente com as virtudes e a graça habitual, não atuam de modo *frequente e intenso*, a não ser nas almas mortificadas, que, por um prolongado exercício das virtudes morais e teologais, adquirem aquela *maleabilidade sobrenatural* que as torna inteiramente dóceis às inspirações do Espírito Santo…”[[3]](#footnote-4).

“A diferença essencial existente entre as virtudes e os dons consiste no modo como operam em nós. No caso das virtudes, a graça torna-nos ativos sob influência da prudência. No uso dos dons, quando estes chegam ao pleno desenvolvimento, mais se exige de nós docilidade do que atividade (…). Não obstante, uma comparação nos ajudará a compreender melhor. Quando uma mãe ensina o filho a andar, algumas vezes contenta-se em guiar seus passos, impedindo-o de cair. Em outras, toma-o nos braços para ajudá-lo a superar obstáculos ou dar-lhe algum descanso. O primeiro caso assemelha-se à graça cooperante das virtudes; o segundo, à graça operante dos dons.

Segue-se que, normalmente, os atos realizados sob a moção dos dons são mais perfeitos que os praticados somente sob a influência das virtudes, precisamente porque, no caso dos dons, a ação do Espírito Santo é mais ativa e fecunda”[[4]](#footnote-5).

**I. As virtudes humanas**

**1804.**As *virtudes humanas*são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam o nosso procedimento segundo a razão e a fé. Conferem facilidade, domínio e alegria para se levar uma vida moralmente boa. Homem virtuoso é aquele que livremente pratica o bem.

As virtudes morais são humanamente adquiridas. São os frutos e os germes de atos moralmente bons e dispõem todas as potencialidades do ser humano para comungar no amor divino.

**Distinção das virtudes cardeais**

**1805.**Há quatro virtudes que desempenham um papel de dobradiça. Por isso, se chamam «cardeais»; todas as outras se agrupam em torno delas. São: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. «Se alguém ama a justiça, o fruto dos seus trabalhos são as virtudes, porque ela ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza» *(Sb*8, 7). Com estes ou outros nomes, estas virtudes são louvadas em numerosas passagens da Sagrada Escritura.

**A prudência**

**1806.***A prudência é*a virtude que dispõe a razão prática para discernir, em qualquer circunstância, o nosso verdadeiro bem e para escolher os justos meios de o atingir. «O homem prudente vigia os seus passos» (*Pr* 14, 15). «Sede ponderados e comedidos, para poderdes orar» *(1 Pe*4, 7). A prudência é a «reta norma da ação», escreve São Tomás (62) seguindo Aristóteles. Não se confunde, nem com a timidez ou o medo, nem com a duplicidade ou dissimulação. É chamada *«auriga virtutum –*condutor das virtudes», porque guia as outras virtudes, indicando-lhes a regra e a medida. É a prudência que guia imediatamente o juízo da consciência. O homem prudente decide e ordena a sua conduta segundo este juízo. Graças a esta virtude, aplicamos sem erro os princípios morais aos casos particulares e ultrapassamos as dúvidas sobre o bem a fazer e o mal a evitar.

**A justiça**

**1807.***A justiça*é a virtude moral que consiste na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido. A justiça para com Deus chama-se «virtude da religião». Para com os homens, a justiça leva a respeitar os direitos de cada qual e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em relação às pessoas e ao bem comum. O homem justo, tantas vezes evocado nos livros santos, distingue-se pela retidão habitual dos seus pensamentos e da sua conduta para com o próximo. «Não cometerás injustiças nos julgamentos. Não favorecerás o pobre, nem serás complacente para com os poderosos. Julgarás o teu próximo com imparcialidade» (*Lv* 19, 15). «Senhores, dai aos vossos escravos o que é justo e equitativo, considerando que também vós tendes um Senhor no céu» *(Cl*4, 1).

**A fortaleza**

**1808.** *A fortaleza*é a virtude moral que, no meio das dificuldades, assegura a firmeza e a constância na prossecução do bem. Torna firme a decisão de resistir às tentações e de superar os obstáculos na vida moral. A virtude da fortaleza dá capacidade para vencer o medo, mesmo da morte, e enfrentar a provação e as perseguições. Dispõe a ir até à renúncia e ao sacrifício da própria vida, na defesa duma causa justa. «O Senhor é a minha fortaleza e a minha glória» *(Sl*118, 14). «No mundo haveis de sofrer tribulações: mas tende coragem! Eu venci o mundo!» *(Jo*16, 33).

**A temperança**

**1809.** *A temperança*é a virtude moral que modera a atração dos prazeres e proporciona o equilíbrio no uso dos bens criados. Assegura o domínio da vontade sobre os instintos e mantém os desejos nos limites da honestidade. A pessoa temperante orienta para o bem os apetites sensíveis, guarda uma sã discrição e não se deixa arrastar pelas paixões do coração (63). A temperança é muitas vezes louvada no Antigo Testamento: «Não te deixes levar pelas tuas más inclinações e refreia os teus apetites» *(Sir*18, 30). No Novo Testamento, é chamada «moderação», ou «sobriedade». Devemos «viver com moderação, justiça e piedade no mundo presente» *(Tt*2, 12).

«Viver bem é amar a Deus de todo o coração, com toda a alma e com todo o proceder [...], de tal modo que se lhe dedica um amor incorrupto e íntegro (pela temperança), que mal algum poderá abalar (fortaleza), que a ninguém mais serve (justiça), que cuida de discernir todas as coisas para não se deixar surpreender pela astúcia e pela mentira (prudência)» (64).

**As virtudes e a graça**

**1810.** As virtudes humanas, adquiridas pela educação, por atos deliberados e por uma sempre renovada perseverança no esforço, são purificadas e elevadas pela graça divina. Com a ajuda de Deus, forjam o carácter e facilitam a prática do bem. O homem virtuoso sente-se feliz ao praticá-las.

**1811.** Não é fácil, ao homem ferido pelo pecado, manter o equilíbrio moral. O dom da salvação, que nos veio por Cristo, dá-nos a graça necessária para perseverar na busca das virtudes. Cada qual deve pedir constantemente esta graça de luz e de força, recorrer aos sacramentos, cooperar com o Espírito Santo e seguir os seus apelos a amar o bem e acautelar-se do mal.

**II. As virtudes teologais**

“Conforme o Concílio de Trento, é certo que no mesmo momento da justificação recebemos as virtudes infusas da fé, esperança e caridade (Trident., sess. VI, cap. 7). A doutrina comum, confirmada pelo Catecismo do Concílio de Trento (Catech. Trident., De Baptismo, n. 42), é que também no mesmo instante recebemos as virtudes morais da prudência, justiça, fortaleza e temperança. Lembremos que essas virtudes não nos dão a facilidade, mas o poder sobrenatural próximo de praticar atos sobrenaturais. Há necessidade da repetição dos atos para se alcançar a facilidade que o hábito adquirido proporciona”[[5]](#footnote-6).

**1812.**As virtudes humanas radicam nas virtudes teologais, que adaptam as faculdades do homem à participação na natureza divina (65). De fato, as virtudes teologais referem-se diretamente a Deus e dispõem os cristãos para viverem em relação com a Santíssima Trindade. Têm Deus Uno e Trino por origem, motivo e objeto.

**1813.**As virtudes teologais fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão, Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para os tornar capazes de proceder como filhos seus e assim merecerem a vida eterna. São o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. São três as virtudes teologais: fé, esperança e caridade (66).

**A FÉ**

*“A fé une-nos a Deus, suprema verdade, e ajuda-nos a ver e apreciar tudo sob a divina luz”[[6]](#footnote-7)*

**1814.**A fé é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que Ele nos disse e revelou e que a santa Igreja nos propõe para acreditarmos, porque Ele é a própria verdade. Pela fé, «o homem entrega-se total e livremente a Deus» (67). E por isso, o crente procura conhecer e fazer a vontade de Deus. «O justo viverá pela fé» *(Rm*1, 17). A fé viva «atua pela caridade» *(Gl*5, *6).*

**1815.**O dom da fé permanece naquele que não pecou contra ela (68). Mas, «sem obras, a fé está morta» (*Tg* 2, 26): privada da esperança e do amor, a fé não une plenamente o fiel a Cristo, nem faz dele um membro vivo do seu corpo.

**1816.** O discípulo de Cristo, não somente deve guardar a fé e viver dela, como ainda professá-la, dar firme testemunho dela e propagá-la: «Todos devem estar dispostos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-Lo no caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja» (69). O serviço e testemunho da fé são requeridos para a salvação: «A todo aquele que me tiver reconhecido diante dos homens, também Eu o reconhecerei diante do meu Pai que está nos céus. Mas àquele que me tiver negado diante dos homens, também Eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus» *(Mt*10, 32-33).

**A ESPERANÇA**

*“A esperança une-nos a Deus, fonte de nossa felicidade, sempre disposto a derramar sobre nós os tesouros de sua bondade, para levar a termo a obra da nossa transformação e a ajudar-nos, com o seu poderoso auxílio, a praticar atos de confiança absoluta e filial abandono”[[7]](#footnote-8)*

**1817.**A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo. «Conservemos firmemente a esperança que professamos, pois Aquele que fez a promessa é fiel» (*Heb*10, 23). «O Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, para que, justificados pela sua graça, nos tornássemos, em esperança, herdeiros da vida eterna» (*Tt*3, 6-7).

**1818.** A virtude da esperança corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O ânimo que a esperança dá preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade.

**1819.**A esperança cristã retorna e realiza a esperança do povo eleito, que tem a sua origem e modelo na *esperança de Abraão,*o qual, em Isaac, foi cumulado das promessas de Deus e purificado pela provação do sacrifício (70). «Contra toda a esperança humana, Abraão teve esperança e acreditou. Por isso, tornou-se pai de muitas nações» *(Rm*4, 18).

**1820.** A esperança cristã manifesta-se, desde o princípio da pregação de Jesus, no anúncio das bem-aventuranças. As *bem-aventuranças*elevam a nossa esperança para o céu, como nova tema prometida e traçam-lhe o caminho através das provações que aguardam os discípulos de Jesus. Mas, pelos méritos do mesmo Jesus Cristo e da sua paixão, Deus guarda-nos na «esperança que não engana» *(Rm*5, 5). A esperança é «a âncora da alma, inabalável e segura» que penetra [...]«onde entrou Jesus como nosso precursor» *(Heb*6, 19-20). É também uma arma que nos protege no combate da salvação: «Revistamo-nos com a couraça da fé e da caridade, com o capacete da esperança da salvação» *(1 Ts* 5, 8). Proporciona-nos alegria, mesmo no meio da provação: «alegres na esperança, pacientes na tribulação» *(Rm*12, 12). Exprime-se e nutre-se na oração, particularmente na oração do Pai-Nosso, resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar.

**1821.** Podemos, portanto, esperar a glória do céu prometida por Deus àqueles que O amam (71) e fazem a sua vontade (72). Em todas as circunstâncias, cada qual deve esperar, com a graça de Deus, «permanecer firme até ao fim» (73) e alcançar a alegria do céu, como eterna recompensa de Deus pelas boas obras realizadas com a graça de Cristo. É na esperança que a Igreja pede que «todos os homens se salvem» *(1 Tm*2, 4) e ela própria aspira a ficar, na glória do céu, unida a Cristo, seu Esposo:

«Espera, espera, que não sabes quando virá o dia nem a hora. Vela com cuidado, que tudo passa com brevidade, embora o teu desejo faça o certo duvidoso e longo o tempo breve. Olha que quanto mais pelejares, mais mostrarás o amor que tens a teu Deus, e mais te regozijarás com teu Amado em gozo e deleite que não pode ter fim» (74).

**A CARIDADE**

*“A caridade eleva-nos a Deus sumamente bom em si mesmo. Movidos por ela, regozijamo-nos na s perfeições infinitas de Deus, mais do que se fossem nossas; desejamos que sejam conhecidas e louvadas; passamos a ter com Ele uma estreita e santa amizade, uma doce familiaridade, assemelhando-nos, assim, cada vez mais a Ele. Portanto, as três virtudes teologais unem-nos diretamente a Deus”****[[8]](#footnote-9)***

**1822.** A caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas por Ele mesmo, e ao próximo como a nós mesmos, por amor de Deus.

**1823.** Jesus faz da caridade o *mandamento novo*(75). Amando os seus «até ao fim» *(Jo*13, 1), manifesta o amor do Pai, que Ele próprio recebe. E os discípulos, amando-se uns aos outros, imitam o amor de Jesus, amor que eles recebem também em si. É por isso que Jesus diz: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor» (*Jo* 15, 9). E ainda: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» *(Jo*15, 12).

**1824.** Fruto do Espírito e plenitude da Lei, a caridade *guarda os mandamentos*de Deus e do seu Cristo: «Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor» *(Jo*15, 9-10) (76).

**1825.** Cristo morreu por amor de nós, sendo nós ainda «inimigos» *(Rm*5, 10). O Senhor pede-nos que, como Ele, amemos até os nossos *inimigos*(77)*,*que nos façamos o próximo do mais afastado (78), que amemos as crianças (79) e os pobres como a Ele próprio (80).

O apóstolo São Paulo deixou-nos um incomparável quadro da caridade: «A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não é altiva nem orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse, não se imita, não guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» *(1Cor*13, 4-7).

**1826.** Sem a caridade, diz ainda o Apóstolo, «nada sou». E tudo o que for privilégio, serviço, ou mesmo virtude..., se não tiver caridade «de nada me aproveita» (81). A caridade é superior a todas as virtudes. É a primeira das virtudes teologais: «Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas *a maior de todas é a caridade» (1 Cor*13, 13).

**1827.**O exercício de todas as virtudes é animado e inspirado pela caridade. Esta é o «vínculo da perfeição» *(Cl*3, 14) e a *forma das virtudes:*articula-as e ordena-as entre si; é a fonte e o termo da sua prática cristã. A caridade assegura e purifica a nossa capacidade humana de amar e eleva-a à perfeição sobrenatural do amor divino.

**1828.** A prática da vida moral animada pela caridade dá ao cristão a liberdade espiritual dos filhos de Deus. O cristão já não está diante de Deus como um escravo, com temor servil, nem como o mercenário à espera do salário, mas como um filho que corresponde ao amor «d'Aquele que nos amou primeiro» *(1 Jo*4, 19):

«Nós, ou nos desviamos do mal por temor do castigo e estamos na atitude do escravo, ou vivemos à espera da recompensa e parecemo-nos com os mercenários; ou, finalmente, é pelo bem em si e por amor d'Aquele que manda, que obedecemos [...], e então estamos na atitude própria dos filhos» (82).

**1829**Os *frutos*da caridade são: a alegria, a paz e a misericórdia; exige a prática do bem e a correção fraterna; é benevolente; suscita a reciprocidade, é desinteressada e liberal: é amizade e comunhão:

«A consumação de todas as nossas obras é o amor. É nele que está o fim: é para a conquista dele que corremos; corremos para lá chegar e, uma vez chegados, é nele que descansamos» (83).

1. https//etimologia.com.br/virtudes/; e [↑](#footnote-ref-2)
2. Leão XIII, Encíclica Divinum illud munus, 9 de maio de 1897. [↑](#footnote-ref-3)
3. Tanquerey. Compêndio de Teologia Ascética e Mística, pgg. 98-99. [↑](#footnote-ref-4)
4. Idem, pg. 99. [↑](#footnote-ref-5)
5. Tanquerey. Compêndio de Teologia Ascética e Mística, pg. 99. [↑](#footnote-ref-6)
6. Idem. [↑](#footnote-ref-7)
7. Idem. [↑](#footnote-ref-8)
8. Idem. [↑](#footnote-ref-9)